



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE-PB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**ANDRESSA CRISTINY CHAVES LIMA**

**UM OLHAR SOBRE AS CHARGES NO CONTEXTO DAS ELEIÇÕES  
PRESIDENCIAIS DE 2018: UMA REFLEXÃO DISCURSIVA**

**CAMPINA GRANDE - PARAÍBA 2019**

ANDRESSA CRISTINY CHAVES LIMA

**UM OLHAR SOBRE AS CHARGES NO CONTEXTO DAS ELEIÇÕES  
PRESIDENCIAIS DE 2018: UMA REFLEXÃO DISCURSIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de Letras e  
Artes da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Graduada em  
Letras com Habilitação em Língua  
Portuguesa.

**Área de concentração:** Letras.

**Orientadora:** Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira

**CAMPINA GRANDE**

**2019**

## FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L732u Lima, Andressa Cristiny Chaves.  
Um olhar sobre as charges no contexto das eleições  
presidenciais de 2018 [manuscrito] : uma reflexão discursiva  
/ Andressa Cristiny Chaves Lima. - 2019.  
44 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira ,  
Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."  
1. Análise do discurso. 2. Charge. 3. Interdiscurso. 4.  
Materialidade linguística. 5. Materialidade imagética. I. Título  
21. ed. CDD 401.41

ANDRESSA CRISTINY CHAVES LIMA

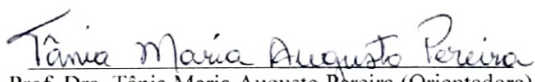
UM OLHAR SOBRE AS CHARGES NO CONTEXTO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS  
DE 2018: UMA REFLEXÃO DISCURSIVA

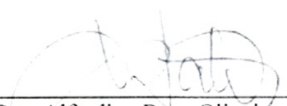
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento de Letras e Artes da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Graduada em Letras com Habilitação em  
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Letras.

Aprovada em: 13/06/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dra. Tânia Maria Augusto Pereira (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dra. Alfredina Rosa Oliveira do Vale  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. José Josemir Domingos da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sim, grandes coisas fez o Senhor por  
nós, e por isso estamos alegres.

Salmos 126:3

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por ter me proporcionado mais uma alegria pessoal e por me ajudar a cumprir mais uma fase da minha vida.

Aos meus pais, **Paulo e Leninha**, por todo amor, carinho e educação. Aos meus irmãos, em especial à minha querida irmã **Isabelly Cristiany**, por toda paciência, ensinamento e ajuda durante o curso. Muito obrigada pela força, companheirismo e compreensão.

Ao meu esposo, **John Lucas**, que sempre me apoiou e esteve comigo em todos os momentos. A ele desejo muitas realizações e conquistas.

À minha orientadora e mestre, Dra. **Tânia Pereira**, que acreditou no meu trabalho. Toda a minha admiração por sua pessoa e por seu profissionalismo.

Aos meus colegas de trabalho e de curso, por acompanharem todo o processo de construção desse trabalho.

A **todos**, muito obrigada!

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar discursivamente charges que abordem acontecimentos políticos brasileiros no período das últimas eleições presidenciais e que foram veiculadas na mídia digital, especificamente no *Instagram*. Como objetivos específicos, pretendemos analisar as materialidades linguística e imagética presentes nas charges e verificar como se constitui verbo-visualmente o discurso crítico da chargista. Diante do gênero charge, levantamos o seguinte questionamento: Como as materialidades linguísticas e imagéticas presentes nas charges influenciam para uma formação discursiva? Nosso suporte teórico está alicerçado nos pressupostos da Análise do discurso (AD), teoria que nos possibilita compreender e refletir acerca dos aspectos sociais, históricos e ideológicos. Através das ideias de Fernandes (2008), Orlandi (2015 e 1996), Foucault (2014), Pêcheux (2009) e Bakhtin (1981). Sobre o gênero charge, utilizamos os pressupostos teóricos de Romualdo (2000), Oliveira (2001), Lucena (2000), Pereira (2006), Brait (1996 e 1997) e Pagliosa (2005). Metodologicamente, constituímos um *corpus* de três charges, da cartunista e chargista Laerte Coutinho. Verificamos que o discurso político vinculado no gênero charge possibilita compreender e refletir acerca dos aspectos sociais, históricos e ideológicos do cenário político brasileiro. Além disso, provoca o sujeito/leitor para visualizar não só o que é dito naquele discurso, mas, também, o que não é dito. Apesar da sua temporalidade, as charges fazem um encadeamento uma com as outras, apresentando a todo o momento um diálogo entre o texto verbal e o texto imagético, a crítica humorística e a crítica irônica. A construção dos múltiplos sentidos que podem ser evidenciados nas charges analisadas exige dos leitores o conhecimento da realidade política social do Brasil, especificamente nas condições históricas em que as charges foram produzidas.

PLAVRAS-CHAVE: Discurso. Charge. Interdiscurso. Ironia. Sujeito.

## RESUMEN

Este trabajo tiene el objetivo de analizar las caricaturas discursivas que abordan los eventos políticos brasileños en el período de las últimas elecciones presidenciales y que se transmitieron en los medios digitales, específicamente en Instagram. Como objetivos específicos, pretendemos analizar las materialidades lingüísticas e imaginarias presentes en las caricaturas y verificar cómo el discurso del crítico está constituido de manera verbal y visual. Ante la carga de género, planteamos la siguiente pregunta: ¿Cómo influyen las materialidades lingüísticas e imaginarias presentes en las caricaturas en una formación discursiva? Nuestro soporte teórico se basa en los supuestos del Análisis del discurso (AD), una teoría que nos permite comprender y reflexionar sobre aspectos sociales, históricos e ideológicos. A través de las ideas de Fernandes (2008), Orlandi (2015 y 1996), Foucault (2014), Pêcheux (2009) y Bakhtin (1981). Acerca de género caricaturas, se utilizaron los supuestos teóricos de Romualdo (2000), Oliveira (2001), Lucena (2000), Pereira (2006), Brait (1996 y 1997) y Pagliosa (2005). Metodológicamente, creamos un corpus de tres caricaturas, del dibujante y caricaturista Laerte Coutinho. Hemos verificado que el discurso político vinculado al caricatura de género permite comprender y reflexionar sobre los aspectos sociales, históricos e ideológicos de la escena política brasileña. Además, hace que el sujeto / lector visualice no solo lo que se dice en ese discurso, sino también lo que no se dice. A pesar de su temporalidad, las caricaturas están vinculadas entre sí, presentando en todo momento un diálogo entre el texto verbal y las imágenes, la crítica humorística y la crítica irónica. La construcción de los múltiples significados que se pueden evidenciar en las caricaturas analizadas requiere que los lectores conozcan la realidad política social de Brasil, específicamente en las condiciones históricas en que se produjeron las caricaturas.

**PALABRAS-CLAVE:** Discurso. Caricatura. Interdiscurso. Ironia. Sujeto

## SUMÁRIO

|                                                  |           |
|--------------------------------------------------|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>                    | <b>10</b> |
| <b>CAPÍTULO I - O GÊNERO DISCURSIVO CHARGE</b>   |           |
| 1.1 O caráter imagético das charges              | 17        |
| 1.2 A charge e seu caráter linguístico           | 19        |
| <b>CAPÍTULO II - SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO</b> |           |
| 2.1 Percurso histórico da Análise do Discurso    | 21        |
| 2.2 A noção de discurso                          | 23        |
| 2.3 O sujeito discursivo                         | 24        |
| 2.4 A interdiscursividade no gênero charge       | 26        |
| 2.5 A formação discursiva                        | 27        |
| <b>CAPÍTULO III – UM OLHAR SOBRE AS CHARGES</b>  |           |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                      | <b>42</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                               | <b>44</b> |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil vem acontecendo uma grave crise política, marcada pela corrupção, pelo *Impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, pelos os protestos contra o PT, pela Operação Lava Jato, a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, as denúncias de desvio de verbas, dentre outros. Esses acontecimentos geraram revoltas, críticas, manifestações e descrenças por parte da população. Com o advento da mídia digital, há uma maior divulgação dos fatos políticos e esses assuntos fazem parte do cotidiano dos brasileiros.

Considerando esse cenário político, este trabalho origina-se do interesse em refletir sobre o discurso político veiculado no gênero charge dentro da rede social *Instagram*, um site lançado em outubro de 2010 que, rapidamente, ganhou popularidade mundial, com a interação e a comunicação entre usuários, possibilitando postagens, compartilhamentos, curtidas, etc. O site tornou-se uma ferramenta de uso diário dos sujeitos sociais, entre eles, os chargistas, os quais usam esse ciberespaço como suporte de trabalho para expor suas críticas, reflexões e opiniões, por meio do gênero charge.

Teoricamente, temos como base o campo da Análise do Discurso (AD), que nos possibilita compreender e refletir acerca dos aspectos sociais, históricos e ideológicos dos discursos do cotidiano, dentre eles a charge. Essa aproximação com a AD se deve ao fato de acreditarmos que a compreensão das práticas sociais efetivadas pela formação de um leitor crítico amplia possibilidades de intervenção na sociedade. Como diz Pêcheux (2009), o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua, história e ideologia.

Diante do gênero charge, levantamos o seguinte questionamento: Como as materialidades linguísticas e imagéticas presentes nas charges influenciam para uma formação discursiva? A produção de sentido no gênero possui relação direta com o exterior, isto é, com a realidade. A charge provoca o sujeito/leitor para visualizar não só o que é dito naquele discurso, mas, também, o que não é dito. Muitas vezes, o chargista prefere deixar implícito o não-dito, para que o leitor busque recuperar as informações opacas. Segundo Orlandi (2015, p. 28),

Os dizeres não são como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios

que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos. [...] Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi.

Nosso objetivo geral é analisar discursivamente charges que abordem acontecimentos políticos brasileiros no período das últimas eleições presidenciais de 2018 e que foram veiculadas na mídia digital, especificamente no *Instagram*. Como objetivos específicos, pretendemos: a) analisar as materialidades linguística e imagética presentes nas charges; b) verificar como se constitui verbo-visualmente o discurso crítico da chargista.

Metodologicamente, constituímos um *corpus* de três charges, de autoria da cartunista e chargista Laerte Coutinho<sup>1</sup>. As charges selecionadas abordam a mesma temática, a demonstração de ódio no contexto político. Na época em que as charges foram publicadas, o Brasil passava por um período eleitoral marcado por promessas, propostas e intenções. Neste período, a mídia divulgava manifestações e protestos de pessoas que utilizavam discursos de ódio, agressivos, vulgares e ofensivos para determinados grupos e partidos políticos.

A internet, por ser uma rede em que há trocas de mensagens, se tornou um incentivo para as pessoas exporem suas críticas políticas, gerando descontrole emocional entre eleitores e não eleitores. As redes sociais foram usadas para ataques, brigas, agressões e confrontos. Os ataques possuíam “alvos” específicos, ou seja, brigas entre os eleitores do PSL e do PT, respectivamente, eleitores da “Direita” e da “Esquerda”, sarcasticamente chamados de “bolsominions” e “esquerdopatas”, respectivamente.

As charges apresentam aos leitores de forma animalesca e irracional, enfatizando a falta de consciência como causa do desequilíbrio e cegueira. Essa irracionalidade gera diversas consequências, como por exemplo, o ódio, a fúria, a raiva etc., até chegar ao ponto de virar uma “doença” contagiosa. As charges apresentam uma postura discursiva e ideológica do chargista acerca dos fatos que estão sendo evidenciados. Segundo Pereira (2006, p. 105), “o chargista sintetiza o sentimento coletivo no que respeita às injustiças, contradições, o absurdo, o ridículo, o inusitado, entre outras revelações

---

<sup>1</sup> Em entrevista para a revista Terra, a cartunista e chargista Laerte Coutinho afirma que hoje se vê mais como travesti, mas no geral sente-se confortável em se afirmar como pessoa transgênero e prefere ser chamada por “ela”.

Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/mulher/comportamento/crossdresser-travesti-trans-laerte-fala-sobre-sexualidade,c6d4497a0e2a8c81220e7b5168cb0bb15arfRCRD.html>

sociais”. É importante ressaltar que a charge é um texto de caráter temporal, isto é, trata de fatos do dia a dia, tendo curto prazo de “validade”.

A compreensão do gênero charge é um processo, muitas vezes, complexo, pois requer um dado conhecimento de mundo, que vem a ser ativado devido a intertextualidade, ou seja, a relação da charge com outros textos, discursos e informações. As relações intertextuais da charge nem sempre correspondem a textos publicados no mesmo dia.

Para alicerçar nossa análise sobre o gênero discursivo charge, utilizamos os pressupostos teóricos de Romualdo (2000), Oliveira (2001), Lucena (2000), Brait (1996 e 1997), Pagliosa (2005) e Pereira (2006). Discursivamente, através das ideias de Fernandes (2008), Orlandi (2015 e 1996), Pêcheux (2009), Fiorin (2016), Foucault (2014) e Bakhtin (1981 e 2003), apresentamos alguns conceitos que subsidiaram nossa análise.

Além dessas considerações iniciais, estruturalmente, este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro apresenta o gênero charge, que tem a finalidade de condensar várias informações, tanto explícitas como implícitas, caracterizado pela interdiscursividade que ocorre no diálogo entre discursos diversos, uma vez que, a produção de sentido se faz na oscilação entre o já dito e o não dito. O segundo capítulo, apresenta um breve panorama histórico da AD e explicita algumas noções desse campo, dentre elas: discurso; sujeito discursivo; formação discursiva e interdiscurso. O último capítulo apresenta a análise das charges selecionadas, as quais abordaram o discurso sobre fatos políticos que antecederam as últimas eleições presidenciais de 2018 no Brasil.

A charge ganha mais força expressiva quando o assunto está se referindo a momentos de crise, seja ela social, cultural, política, etc. O chargista utiliza desses momentos que estão em alta para tecer sua crítica. No próximo capítulo apresentaremos algumas reflexões sobre o gênero discursivo charge.

## CAPÍTULO I

### O GÊNERO DISCURSIVO CHARGE

Toda atividade humana está ligada ao uso da linguagem. Os gêneros inseridos nessas atividades são fenômenos históricos, diretamente vinculados à vida cultural e social, uma vez que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia, podendo ser orais e escritos. Além disso, cada esfera de atividade comporta um repertório significativo de gêneros do discurso. Para Bakhtin (2003), o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados, perceptivelmente, cada enunciado particular é individual, entretanto, cada campo de utilização da língua desenvolve seus tipos de enunciados, os quais se denominam de gêneros discursivos. Bakhtin (2003, p. 262) afirma que,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica em determinado campo.

Podemos observar a grande heterogeneidade dos gêneros discursivos. No processo de sua formação, eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples) e secundários (complexos). Para o autor, os gêneros primários se formaram nas condições da comunicação discursiva imediatas, por exemplo, a réplica do diálogo cotidiano. Os gêneros secundários surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo, desenvolvido e organizado. Por exemplo, os romances, dramas, pesquisas científicas etc.

Os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação. Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades, tais como: trabalho, escola, igreja, grupo de amigos, conversas sobre políticas e assim por diante. Essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados, isto é, falamos sempre por meio de gêneros, pois eles estabelecem uma interconexão da linguagem com a vida social. (FIORIN, 2016).

Hoje, com o advento da mídia digital, os gêneros expandiram-se e desenvolveram novas formas de comunicação, tanto na escrita como na oralidade. Os grandes suportes tecnológicos da comunicação, tais como a televisão, a internet, o jornal, a revista, entre outros, por se tornarem presença marcante nas atividades

comunicativas da realidade social, contribuíram para o aparecimento dos novos gêneros, como por exemplo, memes, tirinhas, charges virtuais, blogs, cartuns, etc. De acordo com Fiorin (2016), não só cada gênero está em incessante alteração, também está em contínua mudança seu repertório, ou seja, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e muitas vezes ficam mais complexas, gêneros desaparecem e/ou aparecem, diferenciam-se e ganham um novo sentido.

Os gêneros que emergiram nos últimos tempos no contexto midiático criaram formas comunicativas próprias, com um hibridismo que desafia as relações entre textos orais e escritos. O estudo dos gêneros que compõem o conjunto mais amplo das manifestações da comunicação de massa apresenta grande relevância social, principalmente na formação do cidadão crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações sociais. A charge, inserida nesses gêneros, tem papel extremamente importante nas reflexões das manifestações sociais presentes no cotidiano. (BONINI, 2008).

A palavra charge é de origem francesa (*charger*) e pode ser traduzida por “carga” “ataque”, isto é, um exagero de sátira e crítica por meio de imagens, com a finalidade de refletir sobre acontecimentos da atualidade. Quanto a sua estrutura, pode constituir-se de apenas um quadro, o qual contém textos verbais e não verbais, assim como, uma só imagem. Pode apresentar, também, uma ou duas cenas divididas em outros quadros menores, com enunciados escritos em balões ou não.

O gênero proporciona várias informações de determinado tempo e lugar. Além disso, permite ao leitor não só interpretar aquilo que está exposto, mas também, compreender o sentido presente na opacidade discursiva das imagens. Oliveira (2001, p. 268) afirma que, “para que o leitor consiga decifrar com facilidade as mensagens contidas nas charges, ele precisa ter conhecimento do fato que as originou”.

A charge, muitas vezes, pode ser uma crítica a um personagem, fato ou acontecimento político específico, e é circunscrita a uma limitação de tempo. Para que o leitor consiga interpretar e compreender a mensagem repassada, ele precisa estabelecer uma relação entre a imagem que vê e a retomada dos conhecimentos prévios acerca do contexto.

A interpretação e a compreensão dos sentidos das charges vão depender da ativação do conhecimento enciclopédico do leitor, do contexto sócio-histórico (refere-se ao lugar, meio de circulação e a época em que a charge foi produzida) e da

contextualização discursiva do texto, tanto no nível da persuasão quanto da estrutura organizacional.

No Brasil, o gênero charge tem ganhado cada vez mais espaço na mídia em geral, principalmente nos meios jornalísticos e informativos, conquistando a condição de matéria, com o objetivo de mostrar a realidade social, assim como atribuir um grande teor crítico em um dado momento histórico. De acordo com Pereira (2006, p. 105), “a charge apresenta um discurso crítico que visa levar o leitor a solidificar sua posição acerca de um determinado aspecto da realidade, principalmente quando tem como alvo fatos políticos”. A intenção é noticiar e criticar fatos específicos que, geralmente, estão em maior circulação no dia a dia.

A charge e a caricatura são gêneros constituídos como forma de representar pessoas, acontecimentos e situações através da ironia e em alguns casos, do humor. Souza e Machado (2005) ressaltam que, “o humor é um recurso ao qual o homem sempre recorre, pois possui a característica de transformar tudo em humor, utilizando-se de todo tipo de linguagem expressiva”. As materialidades imagéticas são exemplos dessa capacidade, uma vez que é uma forma exagerada e satírica de o chargista revelar determinadas informações e posições acerca dos fatos.

Por ser definida, em alguns casos, como um texto visual, a produção de sentido nas charges possui relação com o exterior, ou seja, com a realidade, visto que está amplamente ancorada no todo da imagem exibida. A imagem caricaturada é uma unidade portadora de sentido que o chargista prefere relevar por meio da ironia humorística.

A ironia assemelha-se muito a um jogo, isto é, o locutor lança um enunciado com intenção preestabelecida e o interlocutor tem a função de chegar ao sentido pretendido pelo emissor da mensagem. Brait (1996), para explicar o conceito de ironia, fala sobre a noção literal e figurada. Segundo a autora, a ironia é produzida como estratégia significativa. Isso significa que o discurso irônico joga essencialmente com a ambiguidade. A ironia é composta de dois discursos, e cabe ao interlocutor fazer a junção de significação dita literal e a ironia pretendida pelo locutor. Portanto, o discurso irônico exige uma construção interpretativa complexa, pois, para que o sentido irônico seja alcançado, é necessário que o interlocutor compartilhe do mesmo conhecimento de mundo.

No discurso linguístico e imagético da charge podemos observar e identificar cada informação que o chargista apresenta de forma indireta. Essas informações são criadas para que o leitor busque interpretar e refletir qual sentido o autor quer repassar, estabelecendo uma relação discursiva entre produtor/enunciador e leitor/enunciatário. Segundo Fernandes (2008), compreender o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte complementar de suas atividades sociais. A ideologia materializa-se no discurso que, por sua vez, é materializado pela linguagem em forma do texto verbal; e/ou pela linguagem não-verbal, em forma de imagem.

Interpretar o discurso é interpretar o sujeito, ou seja, compreender quais são as vozes que estão presentes no discurso. O sujeito chargista é marcado por diversos fatores, entre eles, a historicidade, a ideologia e o discurso. Orlandi (2015, p. 41) afirma

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva. [...] Podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente.

As charges exibem aspectos discursivos e ideológicos acerca dos acontecimentos que estão sendo apresentados. Segundo Pereira (2006), o chargista, além de condensar o sentimento coletivo relacionando às injustiças, contradições, o absurdo, o ridículo, entre outros, ele deixa de forma implícita seu posicionamento, orientando e convencendo o leitor sobre os possíveis efeitos de sentido que o gênero quer repassar. De acordo com Cruz (2018, p. 15),

As charges – o discurso humorístico como um todo – se utilizam de recursos linguísticos como a ironia, a paródia, o trocadilho, a intertextualidade, entre outros, os quais são pontos onde se observa o “real do discurso” sendo produzido. Ou seja, o equívoco se evidencia. O sujeito--chargista, ao brincar com as palavras, produz a movência de sentido. Dessa maneira, o discurso de humor se confronta com o desejo do sentido unívoco, apontando a opacidade da língua.

Uma das finalidades da charge é satirizar, e é através do sarcasmo e ironia que o autor expressa o sentimento individual e coletivo. Além disso, a interdiscursividade no gênero promove um jogo entre discursos. O gênero somente ganha sentido quando se percebe a correlação entre formas e atividades. Assim, ele não é um conjunto de

propriedades formais isolado de uma esfera de ação, que se realiza em determinadas coordenadas espaço-temporais, pelo contrário, os gêneros são meios de aprender a realidade (FIORIN, 2016). A charge pode ser considerada um gênero de extrema riqueza quanto ao número de vozes que nele intervêm e a ampla variedade de relações que ele pode estabelecer com outros textos. Tais características fazem da charge um gênero polifônico, apropriado para a atividade da leitura, ao mesmo tempo, que possibilita ampliar o conhecimento de mundo visando a criticidade do leitor.

## **1. O caráter imagético da charge**

Quando se trata de leitura imagética nas charges, é necessário verificar que os sentidos emitidos pelas imagens estão ligados a um certo acordo entre locutor e interlocutor. A linguagem não verbal é apresentada através da ilustração, caricatura, cenário, símbolos, cores etc., e está amplamente ancorada no todo da imagem apresentada. O intertexto e a polifonia podem ser observados, na grande maioria das vezes, apenas através dos recursos visuais do gênero.

O termo polifonia foi utilizado metaforicamente por Bakhtin (1981), na análise da obra *Problemas da poética de Dostoiévski*. O conceito é caracterizado pela multiplicidade que as vozes mantêm umas com as outras no discurso, isto é, não existe homogeneidade na sua aplicação. Bakhtin (1981, p. 176) ressalta que, “um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros”. Os discursos são constituídos através de palavras já ditas anteriormente.

A imagem caricaturada não é uma criação nova e neutra, que não tem existência na história ou no social, pelo contrário, ela é constituída através de um aglomerado de vozes, textos, fatos e acontecimentos que existiram e fizeram parte de um contexto sócio-histórico. Para Souza e Machado (2005), a charge é uma informação pictográfica, na qual grande parte, senão todo o sentido, é transmitido através de imagens..

O desenho é fator determinante numa charge, ele pode ser considerado como um texto descritivo, pois todos os detalhes expostos na imagem vão influenciar e ajudar a compreensão do sentido apresentado na mensagem. Se na imagem não houver nenhum conteúdo escrito, ela por si só já produz um determinado sentido. Conforme Oliveira (2001, p. 266), é pelo humor que o chargista se inscreve como leitor do mundo e convida seus interlocutores a partilhar suas leituras, é, pois, um formador de opinião.

Essa perspectiva é enriquecida pela composição imagética, meio que se utiliza dos traços carregados em exagero nos desenhos, causando efeitos cômicos ou irônicos, estabelecendo o reconhecimento imediato do personagem caricaturado. De acordo com Cagnin (1975, p.51-52),

O desenho exige elaboração por parte do emissor e a preocupação de orientar a percepção do significado. Portanto é seletiva. A seletividade é orientada por dois polos: a intenção do desenhista e as limitações do receptor. No momento em que o desenho está sendo feito e representando alguma coisa ele ultrapassa o significado puramente denotativo e quase se liberta dele para se enriquecer de conotações diversas. [...] Isto implica em dizer que o desenho é um código, um sistema de signos. Este código, além da denotação e da conotação, traz consigo o estilo próprio de cada desenhista. Como sua feitura já é conotativa, a denotação é menos pura e exige maior aprendizagem.

Para que o leitor compreenda o texto não verbal é necessário que a composição imagética faça parte de seu conhecimento de mundo, estabelecendo-se assim a intertextualidade. No dialogismo bakhtiniano, a relação existe entre os diferentes discursos. O autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas através de um certo número de “personagens” (PAGLIOSA, 2005). Considerando que todo texto é produto do diálogo com outros textos, podemos observar que no gênero charge é comum encontrar vários discursos sobre um determinado assunto. Além disso, a charge permite o leitor relacionar a informação dita com outros discursos, como também fazer as inferências necessárias para entender a opinião e a crítica apresentada.

A intertextualidade pode ser definida como uma conversa entre diferentes textos, criando a possibilidade de o leitor estabelecer uma relação entre o dito e o não-dito. Conforme aponta Indursky (2001, p. 30), a intertextualidade consiste na “retomada/releitura que um texto produz sobre outro texto, dele apropriando-se para transformá-lo e/ou assimilá-lo”. A charge, por sua vez, consiste na retomada do texto que a originou. Esse gênero é constituído por elementos que nos permitem associá-lo a outros textos que lhe serviram de base.

As charges carregam informações importantes, entretanto, na sua interpretação, muitas vezes, ocorrem problemas, pois as relações intertextuais dependem de outros textos, a compreensão requer a retomada de leituras ou informações anteriores que nem sempre são habituais à determinados leitores. Geralmente, algumas charges pressupõem leitores informados e letrados. Segundo Pagliosa (2005, p. 84),

No universo discursivo do jornal, é comum encontrar vários textos sobre determinado assuntos, inclusive apresentando posições conflitantes. E a charge é um dos textos que entra na configuração desse discurso da realidade. Assim ao relacionar a charge com outros textos, o leitor recupera a intertextualidade.

Para a autora, a charge aborda discursos da realidade e torna-se um gênero rico quanto ao número de diferentes vozes, como também, a ampla variedade de relações intertextuais que a charge pode chegar a estabelecer com outros textos. Além do aspecto imagético, devemos considerar o aspecto linguístico da charge, que comentamos no próximo tópico.

## **1.2 A charge e seu caráter linguístico**

Na maioria das vezes, é comum a charge apoiar-se apenas em textos imagéticos. Entretanto, existem charges que também podem apresentar justaposição dos códigos verbal e visual. A representação da linguagem verbal está relacionada à escrita, como por exemplo, em forma de títulos, falas dos personagens e sinais de pontuação, seguindo as mesmas formas das histórias em quadrinhos. Romualdo (2000, p. 39) ressalta que, “os signos linguísticos presentes na charge têm por função representar a fala das personagens (quando dentro de balões) e os diversos tipos de ruídos, aparecendo, ainda, nas legendas e em figuras componentes do quadro”.

Isto é o que leva Cagnin (1975) a afirmar que a palavra poderá desvendar o sentido denotativo da imagem e ajudar na interpretação dos seus sentidos conotativos. Os diálogos não são mera representação mimética do ato da fala, mas fazem caminhar a ação, emprestando à imagem os significados que ela não pode ter. Segundo Cagnin (1975, p. 119) A linguagem é mais custosa na aprendizagem e decodificação que a imagem. Talvez por isto, o elemento de maior custo, a escrita, fica limitado estritamente ao diálogo, evitando-se o gasto e o enfado da leitura de imensas descrições verbais de personagens e situações. Existem várias formas de apresentação do texto chargístico, por exemplo, o balão, é usado pelo chargista para apresentar as materialidades linguísticas. “As formas dos balões são diversíssimas. A mais comum é a que se aproxima de um círculo. O balão é o elemento que indica o diálogo entre as personagens e introduz o discurso direto na sequência narrativa”. (CAGNIN, 1975, p. 120 -121)

Ao analisarmos o enunciado de uma charge, percebemos que nele estão escritos diversas informações construídas a partir de um processo intertextual, isto é, a charge

obriga o leitor a fazer uma relação entre o dito e o não-dito. Entre o dizer e o não dizer desenrola-se um espaço de interpretação no qual o sujeito se move. É preciso dar visibilidade a esse espaço através da análise baseada nos conceitos discursivos e em seus procedimentos de análise. (ORLANDI, 2015)

O enunciado promove no plano da significação uma cumplicidade entre o chargista e o leitor. No entanto, para que a mensagem seja compreendida é necessário que a charge faça parte do domínio cultural do leitor, caso contrário, não atingirá o significado e sentido desejado. De acordo com Souza e Machado (2005, p. 61),

Com relação ao conhecimento linguístico, pode dizer que este se refere ao reconhecimento dos elementos que compõem o léxico de uma língua. Pensando na charge, muitas vezes, o leitor pode não conseguir entender a mensagem, porque a mesma apresenta algum termo escrito em outra língua, ou mesmo expressão de gírias.

No que se refere ao conhecimento de mundo, é importante ressaltar que, talvez, a charge seja produzida somente para certos leitores, ou seja, existe um determinado público-alvo para esse tipo de leitura.

Neste trabalho, abordaremos a charge a partir de uma visão discursiva, que nos possibilita compreender e refletir acerca de aspectos sociais, históricos e ideológicos presente no gênero. Para isso, apresentaremos no capítulo seguinte, noções básicas da AD, que fundamentarão nossa análise.

## CAPÍTULO II

### SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

#### 2.1 Percurso histórico da Análise do Discurso

A Análise do Discurso (doravante AD) teve seu marco inicial no final dos anos 1960, na França, através de seu fundador Michel Pêcheux. Naquela época, o Estruturalismo estava vivendo seu auge e se fortalecendo com os estudos de Saussure, que abordava a língua como um sistema separado da fala. Diante disso, o sujeito foi excluído das análises. Os estudos da linguagem passaram a ter uma nova configuração na forma de investigar os sentidos atrelados ao dizer. Para Leandro-Ferreira (2003, p. 40), “o sujeito era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada”.

A AD tem um caráter transdisciplinar. Como pontua Orlandi (2015), é uma disciplina de “entremeios”. Sua constituição decorre do entrecruzamento de teorias de diferentes campos do saber. A AD implica apreender a língua, o sujeito e a história em funcionamento. Temos então as presenças da Linguística, da Psicanálise e da História na constituição da AD. A presença da Linguística é evidente porque a AD trabalha com elementos linguísticos que possibilitam a materialização dos discursos; a Psicanálise influencia a AD a apresentar uma nova concepção de sujeito que ganha/adquire identidade a partir da relação com o outro; e é na/pela História que observamos as condições de produção do discurso, porque surge um discurso em dado momento e não outro em seu lugar.

O percurso teórico da AD está sintetizado em três épocas. De acordo com Fernandes (2008, p. 4), “A construção teórica da Análise do Discurso, de suas primeiras proposições aos dias atuais, passou por reelaborações, por alterações, ao que seus componentes e estudiosos denominaram inicialmente em três épocas da AD: AD1, AD2 e AD3”. A AD1 pós-saussureana era pensada como uma exploração metodológica de uma noção de maquinaria discursiva, isto é, era compreendida como um conjunto de discursos produzidos em um dado momento, homogêneos e fechados. A segunda época, AD2, apresenta a noção de formação discursiva, que se constitui de outros discursos, isto é, o discurso de determinado sujeito é formado através de outros e dos elementos que vêm do seu exterior. A terceira época, AD3, é a desconstrução da noção da maquinaria discursiva fechada.

Na AD3, ao se afastar das posições dogmáticas, Pêcheux (2009) se aproxima das ideias foucaultianas, ao discutir sobre a formação discursiva e a noção de discurso como acontecimento, tendo em vista a inserção do sujeito na história. Ao dialogar com Foucault, Pêcheux instaura a AD como disciplina que investiga a produção discursiva, reveladora de confrontos e embates enunciativos, que possibilita pensar o discurso como acontecimento imerso em redes de sentidos e perpassado pela memória social. Na AD3, Pêcheux oportunizou a entrada de novos objetos de análise, a partir dos discursos do cotidiano. Por isso, é possível refletir neste trabalho sobre as estratégias discursivas da chargista Laerte, ao discursivizar nas suas charges acontecimentos que antecederam as eleições presidenciais em 2018 no Brasil.

A AD surgiu tendo como base a interdisciplinaridade, uma vez que esse campo teórico não era só preocupação de linguistas, mas, também, dos historiadores e psicólogos. Pêcheux (2009) reflete uma presença forte sobre a materialidade da linguagem e da história, ou seja, a história “aparenta” o movimento da interpretação do homem diante dos “fatos” e a AD trabalha justamente no lugar desse “aparentar”.

Na perspectiva de Fernandes (2008), são necessários elementos linguísticos para que o discurso tenha uma existência material. A opinião de um sujeito poderá ser diferente da opinião de outro, visto que os discursos têm existência, e não são fixos. Assim, na medida em que os discursos são produzidos por sujeitos que ocupam diferentes lugares, eles são heterogêneos. A AD propõe tratar os efeitos de sentidos dos fatos da linguagem a partir do seu atravessamento pela exterioridade, ou seja, os elementos que não se encontram no que é dito, mas constituem o próprio processo do dizer. Conforme Orlandi (1996, p.24 - 25),

A AD se forma no lugar em que a linguagem tem de ser referida necessariamente à sua exterioridade, para que aprenda seu funcionamento, enquanto processo significativo [...] A AD trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva.

A autora enfatiza que na AD existem noções que encampam o não dizer: a noção de ideologia, de interdiscurso e de formação discursiva. Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Ainda conforme a autora, o interdiscurso nos permite, por exemplo, remeter a toda uma filiação de dizeres já ditos, a uma memória e até mesmo a uma historicidade. A formação discursiva proporciona compreender o processo de produção de sentido, a sua relação com a ideologia e também ao leitor a

possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso (ORLANDI, 2015).

## **2.2 A noção de discurso**

A tríade discurso, sujeito e sentido é o principal pilar de sustentação da AD porque possibilita trabalhar com práticas discursivas, que por estarem submetidas a determinada ordem social, são capazes de construir verdades, instaura cenários de disputa de poder e marca sujeitos em espaços históricos, relacionando-se com seu outro.

O discurso não é propriedade particular, não é novo e nem único. Para Fernandes (2008), os discursos vão além de seus significados prescritos nos dicionários, isto é, podem ser compreendidos como efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução. Os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em processo de interação.

A noção de discurso dentro da AD não remete apenas à transmissão de informações, conforme o esquema canônico, em que o emissor transmite uma mensagem (informação) ao receptor. Para Orlandi (2015, p. 19), “a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco elas atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc.” O discurso vai além da transmissão de mensagens, é composto por um processo de identificação do sujeito, uma vez que o sujeito discursivo carrega consigo marcas sociais, históricas e ideológicas, as quais fazem com que seu discurso tenha sentido.

Segundo Fernandes (2008), o discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e no ideológico, o qual está impregnado nos enunciados. Os discursos revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. Podemos dizer que todo discurso dialoga com outros, assim como todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele.

Um enunciado se faz a partir de outros enunciados. Quando empregados em determinados lugares e por diferentes sujeitos podem ter mais de um sentido. Quando sujeitos estão discutindo um mesmo tema, é importante ressaltar que os discursos sempre serão diferentes, pois os sujeitos sociais têm posicionamentos distintos. Na opinião de Pêcheux (2009, p.190),

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

Nesse processo apresentado pelo autor, a noção de discurso implica que para ter existência e sentido, é necessário considerar as condições histórico-sociais. Além disso, o que marca a posição discursiva do sujeito que enuncia é sua ideologia. “A ideologia é imprescindível para a noção de discurso, não apenas imprescindível, é inerente ao discurso” (FERNANDES, 2008, p. 16). O discurso tem existência na exterioridade do linguístico, é através dessa exterioridade que podemos identificar os diferentes discursos e ao mesmo tempo as posições divergentes.

Brandão (2004, p. 10-11) apresenta o discurso a partir do reconhecimento da dualidade constitutiva da linguagem, isto é, do seu caráter ao mesmo tempo formal e atravessado por entradas subjetivas e sociais. Na reflexão da autora,

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente e nem natural, por isso é lugar privilegiado da manifestação ideológica. [...] Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que se constituem são histórico-sociais.

A autora afirma que a linguagem enquanto discurso não é neutra, mas se constitui através da interação entre sujeito e o mundo. Todo discurso possui uma dimensão dupla, pois revela duas posições: a sua e a do outros, assim tornando-se elemento de mediação, cruzamento e constituição entre o homem, o outro e sua realidade.

### **2.3 O sujeito discursivo**

A noção de sujeito na AD não trata de seres humanos individualizados. Podemos dizer que o sujeito discursivo trata-se de um sujeito social e ideológico, ou seja, na medida em que o sujeito enuncia algo, sua voz revela tanto seu lugar social, como também sua ideologia. Como ressalta Orlandi (2015), não existe discurso sem sujeito, e assim, podemos dizer que não existe sujeito sem história, uma vez que a mesma se constitui na ideologia.

Fernandes (2008, p. 24) apresenta a noção de sujeito, distinguindo o sujeito falante do sujeito falando.

A referência do sujeito falante trata-se do sujeito empírico, individualizado, que, dada a sua natureza psicológica, tem a capacidade para a aquisição de língua e a utiliza em conformidade com o contexto sociocultural no qual tem existência. O sujeito falando refere-se a um sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórica-ideológica cuja voz é constituída em um conjunto de vozes sociais.

O sujeito falante é apresentado como um ser individualizado que necessita da aquisição linguística para se comunicar e ter uma existência social e cultural, ao contrário do sujeito falando que, além de ter uma existência sociocultural, é formado por uma conjuntura social, histórica e ideológica que se faz presente, constituindo seu discurso.

O discurso bakhtiniano se tece polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas, complementares e contraditórias. Além disso, encontramos nessa teoria a noção do dialogismo o que revela o discurso como interação entre sujeitos. “Dialogismo refere-se às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos” (BRAIT, 1997, p.98). O discurso não é formado somente por elementos linguísticos, mas por um carregamento socioideológico que faz com que identifiquemos o posicionamento histórico-social do sujeito.

O discurso de um sujeito torna-se heterogêneo porque sua formação discursiva é diversificada, é composta de elementos de outros discursos. “A formação discursiva nunca é homogênea, é sempre constituída por diferentes discursos” (FERNANDES, 2008, p.54). A noção de heterogeneidade é a inversão da noção de máquina estrutural da AD1, que apresentava o discurso como um conjunto de discursos. O discurso, assim como o sujeito, é um conjunto resultante da interação social entre diferentes sujeitos e discursos. Ou seja, os discursos se constituem de outros e se transformam, evidenciando nessa transformação a voz do outro que se apresenta explicitamente. Para Fernandes (2008, p.30),

O sujeito é produzido no interior dos discursos e sua identidade é resultante das posições do sujeito nos discursos. O sujeito discursivo é heterogêneo, constitui-se pela relação que estabelece com o outro, pelas interações em diferentes lugares na sociedade.

Essa relação do sujeito com o outro mostra a interação discursiva, assim como apresenta as (trans) formações que os discursos sofrem na história, pois o sujeito assume diferentes posições e com isso, seu posicionamento e identidade está sempre em movimento. Portanto, o sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos em oposição, que se negam e se contradizem. (FERNANDES, 2008)

## **2.4 A interdiscursividade no gênero charge**

O discurso presente na charge é constituído através de outros discursos já existentes na história e no social, isto é, não se constrói a partir dele mesmo, mas se elabora em vista de outro discurso. Na opinião de Fernandes (2008, p. 43),

Um discurso engloba a coletividade dos sujeitos que compartilham aspectos socioculturais e ideológicos, e mantém-se em contraposição a outros discursos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção.

O gênero charge materializa no explícito aquilo que se vê e no implícito o que não se vê. É através do discurso implícito que o leitor busca fazer um contraponto entre a imagem e a realidade. Cada personagem, detalhe, enunciado, entre outros, é construído com a intenção de promover a interdiscursividade do texto. Segundo Pereira (2006, p. 108), “o autor explicita uma intenção no processo de produção e o leitor busca compreender tal intenção de modo que, nessa interação haja uma espécie de cumplicidade entre ambos”. Para que o leitor consiga identificar cada materialidade, ele precisa recuperar a história que originou a charge e construir a significação implícita que o chargista pretende passar.

A charge é um gênero que se constrói com base em outros gêneros; um discurso que se constrói a partir de outros, por isso apresenta interdiscursividade. Ela desafia o leitor a ativar a informação apropriada em resposta à imagem e ao linguístico que apresenta. É constituída através de discursos já ditos em outras condições de produções e retomada em um novo contexto sócio-histórico-ideológico.

Conforme Lucena (2000, p. 45), é no dito humorístico, irônico e sarcástico que se esconde o não-dito. É nesse silenciar que o sentido se constitui e se movimenta. O gênero é marcado pelo humor, é por meio da “graça” dita que o chargista deixa pistas

para o leitor compreender e refletir acerca do não-dito. O gênero charge tem como uma de suas características essenciais o fato de ser uma manifestação de caráter visual. O caráter icônico das charges revela a intencionalidade do chargista que transforma o desenho em um enunciado imagético, carregando em si, além das ideias, o estilo do chargista.

Brait (1996, p. 108) afirma que as formas de convocação do já-dito funcionam como marcas observáveis de heterogeneidade que, manifestando-se sobre o fio do discurso, produzem rupturas e fornecem não apenas a dimensão de outros discursos que se intrometem no interior discursivo, mas também informações sobre o enunciador. O discurso chargístico, além de fornecer informações sobre o enunciador, é constituído com base em outros discursos, ou seja, em um mesmo discurso estão presentes vários sujeitos com “status” linguísticos diferentes.

O gênero charge consiste em um tipo enunciativo que exagera nos elementos mínimos do caráter de alguém ou de algo para torná-lo cômico. (LIRA; GUEDES & SANTANA, 2017). Esse gênero utiliza-se da ironia ou de situações absurdas, no entanto, é preciso de um raciocínio mais elaborado para analisar e compreender a crítica apresentada.

A charge não é apenas uma composição de imagens e textos verbais, pelo contrário, é constituída através da história e da ideologia. Seu discurso é formado por outros já existentes. Há uma relação intertextual da charge com outras charges. Isso acontece quando um assunto é acompanhando por alguns dias, através da notícia e de charges. Nesse caso, as charges de dias anteriores são intertexto de charges do dia.

## **2.5 A formação discursiva**

A noção de formação discursiva permite compreender que o discurso é formado de outros diferentes discursos. Essa noção, inicialmente proposta por Michel Foucault, e mais tarde incorporada por Pêcheux, promove uma abertura para a análise de discursos menos estabilizados e representa um lugar central na articulação entre língua e discurso. É uma interdiscursividade caracterizada pelo entrecruzamento de discursos distintos, de diferentes momentos históricos e lugares sociais. Os enunciados consistem em retomadas a outros enunciados. Os discursos são concebidos numa relação de cadeia com outros discursos através do “pré-construído”, ou seja, por outros discursos que vieram de outro lugar.

Orlandi (2015) ressalta que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, mudando de sentidos de acordo com as posições daqueles que as empregam. Orlandi (2015 p. 43) considera que

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter sentido. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.

As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as utilizam. Elas “tiram” seu sentido em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem ORLANDI (2015). As palavras falam umas com as outras a todo o momento, assim como todo discurso se delineia na relação com o outro, dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória. De acordo com Fernandes (2008, p. 38),

A formação discursiva nunca é homogênea, é sempre constituída por diferentes discursos. Um mesmo tema, ao ser colocado em evidência, é objeto de conflitos, de tensão, face às diferentes posições ocupadas por sujeitos que se opõem, contestam-se.

A FD sempre vai se referir ao que se pode dizer em determinado tempo e lugar, contudo, o tempo, e o lugar são temporais e assim como os discursos, sofrem mudanças também. O “interdiscurso é o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (ORLANDI, 2015). A autora destaca que os enunciados, assim como os discursos, são acontecimentos que sofrem continuidade e descontinuidade, formações e transformações.

Ainda segundo a autora, a FD se define como “aquilo que numa formação ideológica dada [...] determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2015, p. 43). Podemos afirmar que as palavras derivam seus sentidos a partir das FD em que se inscrevem. Ao término desse capítulo, apresentamos, em seguida, a análise de três charges que abordam o discurso político das últimas eleições presidenciais no Brasil.

### CAPÍTULO III

#### UM OLHAR SOBRE AS CHARGES

As charges analisadas foram coletadas no *Instagram* da chargista Laerte Coutinho. Atualmente, o *site* é a segunda rede mais utilizada do Brasil, o qual tem se tornado um grande meio comunicativo e interativo entre os usuários. Esse ciberespaço tem propagado os trabalhos diários da chargista, uma vez que seu foco é apresentar o “mundo” através da linguagem imagética.

Antes, vivíamos em uma sociedade grafocêntrica, em que a escrita predominava. Com os avanços tecnológicos, a sociedade atual é imagética e os sites surgiram com o objetivo de postar imagens. Uma das características que se tornou mais interessante na internet foi a visualização de charges, cartuns, memes, tirinhas etc. A internet, com ênfase no *site Instagram*, tem cumprido em seus assuntos diários um papel sociopolítico, ao divulgar acontecimentos sociais importantes.

Para este trabalho, foram selecionadas três charges de autoria da cartunista e chargista Laerte Coutinho, que abordam o contexto político que antecederam as últimas eleições presidenciais de 2018. Laerte é um sujeito político, considerado uma das artistas mais importantes da área no país. Contribuiu com seu trabalho em revistas, jornais e até mesmo em filmes, lançou diversos livros. Ganhou o primeiro prêmio no 1º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, fez cobertura jornalística de três copas, entre outros trabalhos. Atualmente, utiliza sua conta no *Instagram* “LaerteGenial”, que possui cerca de 295 mil seguidores, para repassar discursos sociais e políticos através de suas charges, cartuns e tirinhas.

Na época em que a chargista fez suas postagens, o Brasil passava por um período difícil, com muitos escândalos em sua história política. Os escândalos envolviam fraudes, desvios de verbas públicas, corrupção ativa e passiva, entre outros, e foram divulgados na mídia, causando indignação, revolta, descrença e ódio por parte do público em geral. As redes sociais facilitaram a exposição dessas notícias e contribuíram para que as pessoas usassem essa plataforma para propagar discursos raivosos, ataques, ameaças e violências.

Os cidadãos brasileiros sofreram ataques e a política se tornou, cada vez mais, alvo de cenas violentas, dentre elas, os disparos de tiros contra a caravana do ex-

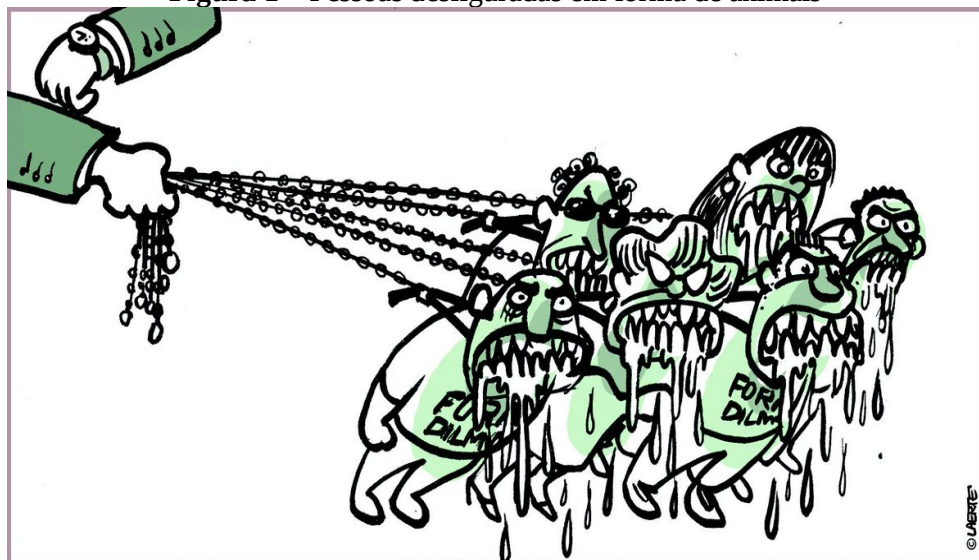
presidente Lula, o assassinato da vereadora Marielle Franco junto com o seu motorista, o atentado contra o candidato a presidência Jair Bolsonaro etc.

É interessante destacar que, apesar de terem sido produzidas em datas diferentes, as charges se conectam umas com as outras, apresentando a mesma temática, que é a demonstração do ódio e da irracionalidade acerca da campanha presidencial. As charges apresentam e ironizam de forma animalesca as pessoas, enfatizando a falta de consciência como causa do desequilíbrio, da cegueira e do descontrole.

De acordo com Bonini (2008), o estudo dos gêneros que compõem o conjunto mais amplo das manifestações da comunicação de massa apresenta grande relevância social, principalmente na formação do cidadão crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações sociais. A charge, inserida nesses gêneros, tem papel extremamente importante nas reflexões das manifestações sociais presentes no cotidiano.

Através da análise, pretendemos interpretar o discurso chargístico por meio da sua historicidade e compreender as diferentes vozes sociais que se fazem presentes.

**Figura 1** – Pessoas desfiguradas em forma de animais



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BhnJaEvmBo/> Acesso em: 11/09/2018.

A Figura 1 foi publicada pela chargista Laerte no dia 22 de julho de 2016, em seu *Instagram*. A autora retrata em sua charge, de forma sarcástica, um grupo de pessoas desfiguradas, fazendo uma relação entre o ser humano e o ser animal. O ano de 2016 foi marcado por manifestações e protestos contra o PT, especificamente, contra o governo de Dilma Rousseff. Os meios comunicativos e informativos, como jornais,

televisões, rádios e redes sociais foram utilizados para noticiar a revolta do povo brasileiro.

O portal de notícia G1 (Grupo Globo, 2016) apresentou a manchete: “Manifestantes fazem maior protesto nacional contra o governo Dilma”. O jornal *El País* (2016) anunciou: “Protestos contra Dilma voltam embalados por escalada da crise política”. O site EXAME (2016) informou “Protesto contra Dilma é maior da História e assusta governo”, entre outros. É interessante destacar que a chargista, além de satirizar as pessoas em forma de animais raivosos, deixa evidente que existe “alguém” como incentivador e influenciador desse ódio, que chega ao ponto de desfigurar e tornar irreconhecível os eleitores.

Na Figura 1, observamos os braços de um homem aparentemente bem vestido e com um relógio no pulso. Está segurando correntes que aprisionam pessoas desfiguradas que parecem animais raivosos, vestidas com camisas onde se vê o enunciado “Fora Dilma”. Através da imagem, a chargista deixa pistas para que o leitor consiga interpretar a crítica que ele quer repassar. Uma pista é identificada no enunciado “Fora Dilma”, encontrado nas camisas. Se a charge fosse constituída somente pelo texto não verbal, sem nenhuma materialidade linguística, seria difícil o leitor interpretar, entender e buscar no exterior a história que a originou.

É importante o texto verbal no discurso chargístico, embora a charge possa sobreviver sem ele. Cagnin (1975) ressalta que as materialidades linguísticas poderão esclarecer o sentido original da imagem e facilitar na interpretação dos seus sentidos subjetivos. Os enunciados não são mera representação mimética do ato da fala, mas fazem percorrer a ação, concedendo à imagem os significados que ela não pode ter.

Laerte nos faz refletir, através da crítica irônica, o quanto o incentivo ao ódio consegue manipular e transformar as pessoas a ponto de se manifestarem de forma inconsciente, cega e irracional, devorando o outro e ao mesmo tempo a si mesmo, demonstrando sentimentos de fúria e raiva.

O enunciado “Fora Dilma” foi bastante utilizado durante o processo do *Impeachment* da presidenta. Esse processo fez com que as pessoas fossem às ruas com o objetivo de protestarem e reivindicarem sua saída do governo. A charge aborda a relação entre o social, a história e a ideologia, uma vez que esse acontecimento teve um marco temporal na política. Considerando que a formação discursiva é heterogênea, e sempre constituída por diferentes discursos, o discurso da charge remete a um discurso que teve existência em determinada época e lugar na política brasileira. Esse discurso

relembra e enfatiza um movimento político que aconteceu durante o mandato da ex-presidenta Dilma Rousseff.

A ex-presidenta era filiada ao Partido dos Trabalhadores (PT), foi afastada do cargo em 2016 por um processo de *Impeachment* e foi acusada de desrespeito à lei orçamentária e à lei de improbidade administrativa. A partir desse processo, aconteceram manifestações em diversas regiões do Brasil com objetivo de protestar contra o seu governo. Segundo Lemos (2017, p. 6),

Por meses, a oposição ao governo Rousseff articulou-se e, com o respaldo dos grandes meios de comunicação, mobilizou setores da população pelo impeachment em grandes manifestações de rua, muitas delas financiadas por partidos políticos. [...] As mídias intensificaram a campanha de desqualificação da imagem da presidenta, com argumentos de gênero sexistas e misóginos.

O sexismo e a misoginia são manifestações de ódio, desprezo ou preconceito contra mulheres ou meninas. As pessoas iam às ruas com placas, faixas e blusas com discursos agressivos e de ódio, carregando enunciados como: “Fora Dilma” “Dilma vai tomar no cú” “Dilma, não dobre a meta, dobre a mandioca e senta nela”, “balança que a quenga cai”, “Impeachment já”. Esses discursos foram ditos por causa da época, do espaço e da construção do ódio, uma vez que não se trata apenas de protestos, mas ao contrário, trata de agressões que só foram possíveis por causa do ódio que descontrola, tira a sobriedade. Isso está explícito nos semblantes desfigurados pela raiva das pessoas na charge.

Para que o leitor consiga identificar cada materialidade, ele precisa recuperar os acontecimentos que originaram o texto da charge e construir a significação intertextual implícita que o sujeito chargista pretende passar. De acordo com Souza e Machado (2005), com relação ao conhecimento linguístico, este se refere ao reconhecimento dos elementos que compõem o léxico de uma língua. Pensando na charge, o leitor não consegue entender a mensagem porque, muitas vezes, o discurso apresentado no gênero não faz parte do seu conhecimento.

A intertextualidade pode ser observada tanto de forma explícita como implícita. A forma explícita encontra-se no próprio texto em forma de citação, resumo, referências etc. A intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte. O leitor precisa recuperá-la na memória para construir o sentido do texto. De acordo com alguns autores, o conceito de intertextualidade está relacionado a inserção de vários outros textos/fontes. Um texto sempre vai se constituir a partir de outros. O discurso da

chargista presente na charge revela suas formações ideológicas. Orlandi (2015, p. 40) ressalta que, o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.

A charge deixa evidente (Figura 1) que existe um “dono” das pessoas raivosas. Devemos atentar que esse dono é um sujeito indeterminado, embora exista, não se pode determinar e identificar. Esse sujeito segura várias coleiras e está sempre atento à hora certa de soltar “seus animais” para atacar pessoas, mas não são quaisquer pessoas, é um alvo certo e esse alvo é identificado nas camisas.

O gênero nos proporciona não só a visualização da crítica da chargista, mas também constitui uma ferramenta de reflexão e inteligibilidade para análise crítica do sujeito leitor. Essa inteligibilidade é alcançada no momento em que o leitor consegue compreender a crítica. Na charge há uma crítica acerca do cenário político brasileiro, uma vez que a chargista traz a irracionalidade como representatividade política. A autora quebra a linha entre o que é racional (*homo sapiens*) e o que é irracional (o cachorro), ou seja, ele apresenta o animal irracional e ao mesmo tempo usa as pessoas, que são seres racionais, agindo como animais irracionais.

A chargista faz uma crítica reflexiva com o objetivo de expor um Brasil que está sendo refém de uma política que age com falta de raciocínio, consciência e lucidez, por parte dos políticos, assim como dos cidadãos brasileiros, aqueles que vão às ruas cobertos de raiva e ódio e que, muitas vezes, são levados a agir pela ignorância e a irracionalidade. A charge apresenta a existência de um sujeito por trás desse ódio e as pessoas não conseguem reconhecer o rosto desse “mandante”, os animais estão raivosos a ponto de olhar apenas para um único alvo: retirar Dilma da presidência do Brasil. A fixação é tão grande em determinados grupos que, muitas vezes, parece uma perseguição. O efeito de sentido da charge não é apenas contra a corrupção praticada pelos políticos, mas contra pessoas específicas, como por exemplo, a ex presidenta Dilma.

**Figura 2** – O ódio: descontrolado animal



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bg7YOyGHVcu/> Acesso em: 11/09/2018.

A charge da Figura 2 foi publicada em 18 de setembro de 2018, um mês antes da eleição presidencial no Brasil. O período pré eleitoral foi marcado por grandes acontecimentos. A eleição de 2018 foi a primeira sem doações de empresas, desde que o STF proibiu esse tipo de doação, em 2015. Os candidatos tiveram que financiar seu eleitorado com os recursos do Fundo Partidário e do Fundo Eleitoral e com as doações de pessoas físicas. Além disso, foi a primeira vez que um candidato à presidência sofreu um atentado em meio a campanha. Houve brigas, atos de violência, protestos nas ruas brasileiras e nas ruas internacionais, nas redes comunicativas, em shows etc. A rivalidade se concentrava em partidos opostos, PT e PSL.

A charge (Figura 2) traz discursos que foram mencionados antes e durante a campanha, sendo divulgados nas redes informativas. O jornal O Globo anunciou, *Educação: escola sem partido é a principal bandeira de Jair Bolsonaro* (O GLOBO, 2018); o jornal Folha de São Paulo noticiou: *Críticas de Bolsonaro à Rouanet refletem ignorância sobre a lei, dizem artistas* (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018); a revista Exame informou: *Sem diretrizes claras no governo Bolsonaro, LGBT tem violência e descaso* (EXAME, 2018), dentre outras notícias. Laerte Coutinho evidencia nos enunciados da charge sua crítica irônica acerca dos discursos feitos pelo deputado Jair Bolsonaro.

Ao analisarmos a Figura 2, observamos três homens que aparentemente estão alegres, há também a presença de um animal que demonstra estar muito raivoso. Um desses homens está segurando o cachorro e outro está apontando com o dedo para algum lugar. O homem solta a coleira para que o animal corra e cumpra o que lhe foi ordenado. Eles verificam que o animal se descontrolou e praticou coisas que não foram ordenadas e percebem que o cachorro se transformou em uma espécie de “monstro”. De acordo com Fernandes (2008, p. 16), o que marca a posição discursiva do sujeito que está enunciando é sua ideologia.

Ao darmos ênfase no enunciado “Vai lá em cima dos petistas”, constatamos que se trata de sujeitos políticos que participam de uma filiação partidária que representa oposição ao PT, essa filiação faz parte do social, assim como do contexto brasileiro. As charges das Figuras 1 e 2 apresentam os “donos” dos animais, aqueles que ficam segurando as coleiras e que estão sempre atentos à hora certa de soltar os animais. Esses homens que “mandam” tem sempre o mesmo alvo: o PT e a esquerda. Apesar de o PT estar coligado a outros partidos (PMDB, PSDB, PDT), observamos que nenhum deles foram alvo de protestos, agressões, raiva e discurso de ódio.

No enunciado “Aproveita e vai em cima dos professores”, a chargista referencia a intolerância política diante da classe dos professores, uma vez que foram criados projetos de lei que proíbem docentes de opinar na sala de aula, por exemplo, a criação da proposta de movimento Escola sem Partido, que traz uma série de proibições nas escolas, tais como promover doutrinações ideológicas, religiosas, políticas e partidárias. O movimento Escola sem Partido é um movimento criado em 2004, no Brasil, que ficou conhecido em 2015.

O projeto consiste em fixar nas escolas um cartaz com uma lista de “deveres do professor”. Em entrevista para o *site* da revista Galileu (2017), Miguel Nagib, advogado e coordenador do Movimento Escola Sem Partido, ressaltou que, “O que a gente defende é que alguns dos ensinamentos de Paulo Freire se chocam com a Constituição. Nossa crítica é de natureza jurídica. [...] dependendo da maneira com que isso é aplicado, viola a liberdade dos alunos e a neutralidade política e ideológica do Estado”.

Conforme esse Movimento, os professores foram acusados de fazerem doutrinação política. Também foi proibida a aceitação do “kit gay” nas escolas. A Escola sem Homofobia foi uma iniciativa não governamental, proposta para compor o Programa Brasil sem Homofobia do governo federal. O material ficou conhecido

pejorativamente como "Kit Gay", denominação atribuída pelo então deputado Jair Bolsonaro, em sua campanha eleitoral. A categoria dos professores passou por desvalorização profissional, baixos salários, aumento na carga horária, falta de qualificação etc., e tornou-se cada vez mais marginalizada na sociedade.

No enunciado “Puxa, ele também foi nos artistas”, observamos que a categoria dos artistas também foi alvo dos políticos. O deputado Bolsonaro criticou e pretendeu fazer mudanças a respeito da Lei 8.313, também conhecida como Lei Federal de Incentivo à Cultura ou Lei Rouanet, criada em 1991. Essa lei tem como objetivo promover e estimular a regionalização da produção cultural e artística brasileira. As mudanças previstas pelo deputado geraram polêmica entre os artistas e seus eleitores.

O ódio e irracionalidade constituída no discurso da charge (Figura 2) apresentam um efeito de interdiscursividade. No discurso linguístico e imagético da charge, podemos observar e identificar cada informação que a chargista apresenta de forma indireta e implícita, para que o leitor busque interpretar e refletir qual o sentido da charge, estabelecendo uma relação discursiva entre produtor/enunciador e leitor/enunciatário.

Na charge, o animal é alimentado pelo ódio, até chegar o ponto de se tornar um ser incontrolável, que devora tudo, até mesmo o que não foi ordenado. Está explícito na charge que o cachorro recebeu a ordem de atacar pessoas.

As feministas e LGBT e índios e quilombolas tratam-se de movimentos formados por ativistas que buscam direitos e respeito. O movimento feminista, que teve início durante o século XIX, tem o objetivo de discutir e lutar por direitos iguais ou semelhantes aos dos homens nos planos social, político, trabalhista, entre outros. Através das lutas, reivindicações feitas pelas feministas, as mulheres começaram a conquistar seu espaço na sociedade, principalmente na política. Em 1964, Dilma Vana Rousseff iniciou sua militância e ingressou na luta estudantil. Foi presa, torturada e teve os direitos políticos cassados. Tornou-se a primeira mulher presidenta da república do Brasil, eleita pelo Partido dos Trabalhadores (PT), tendo exercido o cargo de 2011 até 2016.

Apesar das grandes conquistas na política, no comércio, na polícia, nas publicações de livros, entre outros, a mulher ainda sofre com discursos preconceituosos e machistas do tipo: “Mulher tem que casar e ter filhos”, “Mulher que se dá ao respeito não é estuprada”, “Mulher que bebe é feio”, “Para onde vai com esta roupa curta, decotada, chamativa?”. A chargista traz diversos discursos que fizeram parte de

determinada época e espaço. Isso nos faz lembrar que um discurso é heterogêneo, e sempre constituído a partir de outros discursos. (FERNANDES, 2008)

A sigla LGBT, que também foi alvo do ataque do animal na charge, trata-se de um movimento formado por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. O movimento tem o objetivo de lutar pelos direitos dos homossexuais e, principalmente, contra a discriminação e o preconceito homofóbico. O Brasil é considerado o segundo país mais religioso do mundo. Devido à sociedade religiosa e conservadora, a comunidade LGBT sofre ainda fortes preconceitos que geram ataques raivosos, discursos de ódio, assassinatos, espancamentos, etc. De acordo com o site Jusbrasil<sup>2</sup>, a cada três minutos, um homossexual sofre algum tipo de violência no Brasil. Nos últimos quatro anos, o número de denúncias ligadas à homofobia cresceu acima dos 600%. A luta contra o preconceito e a violência insiste em conscientizar as pessoas sobre a diversidade e o respeito às diferenças.

A chargista, por ser um sujeito social, político e uma ativista ideológica faz parte dessas classes como artista, comunista, feminista e LGBT. Ela tece sua crítica de forma sarcástica e irônica, com o intuito de retratar o ódio, a perseguição e o preconceito acirrados durante a campanha presidencial. O animal raivoso da charge é incentivado a praticar vários ataques, principalmente às classes marginalizadas, esses ataques geram frieza, crueldade, fúria e descontrole por parte do ser humano.

As charges das Figuras 1 e 2 abordam o eixo temático de que o ódio destrói o sujeito social (seja racional, o homem que segura às correntes, seja irracional, o cachorro). A charge é um meio que desperta, muitas vezes o riso, para depois gerar a polêmica, opiniões, contestações etc. O gênero descreve acontecimentos atuais, que estão presentes no cotidiano, utilizando-se de uma linguagem atraente. Existe uma grande identificação entre a charge e a realidade que o leitor está vivenciando.

Os “índios e quilombolas”, discursivizados na charge referem-se aos povos que se mobilizaram em diversas regiões, com o objetivo de reivindicar a retomada de suas terras. O deputado Bolsonaro propôs retirar a autonomia da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para realizar as demarcações. Para muitas pessoas, especificamente os empresários, o movimento indígena ficou à margem da sociedade e da Constituição, ou seja, sua cultura, costumes, terras e crenças permanecem na história, mas devido ao

---

<sup>2</sup> Trata-se de um site de notícias sobre artigos jurídicos, legislação e jurisprudência. Além disso, o portal possui uma ferramenta para disponibilizar a publicações de modelo/ peça, artigos científicos, entre outros trabalhos. Disponível em : <https://www.jusbrasil.com.br/home>

progresso esse movimento é marginalizado. Segundo Pereira (2016) a chargista sintetiza em suas charges um conjunto de sentimento no que respeita às injustiças, o ridículo, entre outras revelações sociais. É através desse sentimento coletivo que Laerte critica, de forma irônica a ridicularização política.

Ao fazermos uma relação entre as charges da Figura 2 (apresenta um animal), e da Figura 1 (mostra pessoas em forma de animais), verificamos que mais uma vez a chargista destaca uma fronteira entre o ser racional e o ser irracional. Ela repassa um discurso de que alimentar o ódio em um ser (racional e irracional) pode ser perigoso, fugir do controle. Podemos fazer um contraponto interdiscursivo com o ditado popular: “o feitiço pode se virar contra o feiticeiro”.

**Figura 3** – A justiça sendo conduzida por um cão-guia



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BIa9EoKHak8/> Acesso em: 11/09/2018.

A Figura 3 apresenta uma charge que foi publicada em 09 de julho de 2018. Na época em que a publicação foi feita por Laerte no seu *Instagram*, o Brasil noticiava nos meios comunicativos a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que ocorreu no dia 7 de abril de 2018. O juiz federal de primeira instância, Sérgio Moro, expediu o mandado de prisão em 5 de abril, condenando Lula a 12 anos

e um mês, por corrupção e lavagem de dinheiro no âmbito da Operação Lava Jato. Lula era um dos candidatos à presidência de 2019, mas devido a sua condenação, não pode assumir a candidatura. Diante desse fato, houve manifestações, protestos e caravanas exigindo a liberdade do ex-presidente. Os eleitores do ex-presidente foram às ruas com placas “Lula Livre”, “Somos todos Lula”, “Não à prisão de Lula” etc. Essas manifestações geraram confronto, raiva e revolta contra os eleitores do partido oposto.

Laerte constrói sua crítica de forma irônica acerca do contexto político do dia 8 de julho de 2018, em que o juiz Sérgio Moro não acatou o *habeas corpus* concedido ao ex-presidente pelo desembargador que atuava enquanto o juiz estava de férias. Brait (1996) ressalta que a ironia é produzida na charge como estratégia, isto é, para fazer com que o leitor busque captar e entender qual o verdadeiro sentido do texto. Apesar da sua complexidade interpretativa, a ironia é constituída de forma implícita.

Na Figura 3, observamos uma estátua sendo conduzida por um cão. É importante destacar que esse cão não é qualquer animal, ele é um cão-guia, ou seja, esse tipo de coleira é somente utilizada por cães que guiam pessoas com deficiência visual. O cão aparenta estar contaminado pelo ódio e raiva, a ponto de perder o controle e sair agredindo. A estátua não se trata apenas de uma simples escultura, ela simboliza a Justiça brasileira. A Justiça foi conhecida na Grécia antiga por uma mulher com nome de Themis, a deusa da Ética.

A Justiça é representada por uma mulher com os olhos vendados, que carrega em sua mão direita a simbolização de uma espada e com a mão esquerda uma balança. Para Maciel (2005, p. 2), A venda tem como função básica evitar privilégios na aplicação da justiça, sendo a balança o instrumento que pesa o direito que cabe a cada uma das partes e a espada item indispensável para defender os valores daquilo que é justo. A venda na Justiça não é a representação de uma deficiência visual, pelo contrário, ela é a simbolização da imparcialidade, isto é, tem a função de evitar privilégios. A charge ironiza a presença de um cão-guia, que ao contrário da estátua, tem olhos abertos e está à frente da Justiça, direcionando qual caminho deve seguir. Ao contrário das Figuras 1 e 2, na Figura 3, o animal tornou-se o influenciador, isto é, a irracionalidade conduz, direciona a Justiça que está “cega”. A charge traz um contexto político marcado na sociedade e na história, ao expor a crítica acerca de uma Justiça “cega”, não pelo seu significado, que aborda sua venda para que não haja

algum privilégio na aplicação da pena, mas por um contexto político ocorrido no Brasil, no período da eleição presidencial, em 2018.

Diferente das anteriores, a charge (Figura 3) é formada totalmente por um texto imagético e sem materialidade linguística. Talvez possa se tornar difícil para alguns leitores fazer a interpretação da imagem. Percebemos que a chargista não deixa elementos textuais explícitos, ao contrário das Figuras 1 e 2. Esse tipo de imagem requer recuperar as fontes na memória, a fim de fazer um diálogo entre o texto e o intertexto implícito.

A charge aborda um contexto histórico político, mas ao mesmo tempo não deixa pistas “escritas” desse contexto. Oliveira (2001, p. 268) afirma que, para que o leitor consiga decifrar com facilidade as mensagens contidas nas charges, ele precisa ter conhecimento dos fatos anteriores. A interpretação e a compreensão dos sentidos das charges vão depender da ativação do conhecimento do leitor, do contexto sócio-histórico (refere-se ao lugar, meio de circulação e a época em que a charge foi produzida) e da contextualização discursiva do texto, tanto no nível da persuasão quanto da estrutura organizacional.

Na época em que a charge foi publicada, o Juiz titular da Operação Lava-Jato, Sérgio Moro, colecionava episódios em que tomou decisões polêmicas em momentos da história do país, por exemplo, quando interrompeu suas férias para emitir uma decisão conflitante com a do desembargador plantonista Rogério Favreto, que havia determinado a soltura do ex-presidente Lula. O juiz se tornou uma figura amada ou odiada no país, dependendo da ideologia de quem avalia. Esse episódio foi alvo de críticas por parte da população, principalmente pelos eleitores petistas que haviam manifestado perseguição, injustiça e desrespeito à lei. Os eleitores criticaram a posição tomada pelo juiz, pois ao se afastar do cargo, quem julga os casos e “lidera” é seu substituto de plantão.

A charge, muitas vezes é de difícil leitura. Entretanto, para que o leitor consiga interpretar e compreender a crítica repassada, ele estabelece uma relação entre a imagem que vê e a retomada dos conhecimentos prévios acerca do contexto. De acordo com a chargista, a Justiça agiu com injustiça e privilégios, uma vez que houve outros candidatos do PT e de outros partidos que foram investigados e condenados à prisão, mas não foram presos.

A identidade e a ideologia são apresentadas de maneira implícita na charge, na maioria das vezes o chargista constrói sua crítica sobre algum tema em

determinada época e lugar, esse discurso crítico começa a ter existência na sociedade e passa a fazer parte de um contexto histórico. A intenção é noticiar e criticar fatos específicos, que geralmente estão em maior circulação no dia a dia e a charge foi constituída um dia depois desse acontecimento. Para Romualdo (2000, p. 26), o leitor recorre e opta pela leitura da charge que, por ser um texto imagético, irônico e, às vezes, humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos.

A chargista Laerte orienta os possíveis efeitos de sentido da charge, com a intenção de convencer o leitor de que a justiça se tornou incapaz de trabalhar com racionalidade e clareza, ou seja, não é confiável, uma vez que está sendo conduzida por um animal, mas esse animal deveria ser pelo menos racional, vale destacar que esse ser não age com a razão, pelo contrário, age pela emoção, que é transformada em ódio e raiva. O animal raivoso presente nas charges manifesta fúria e ódio. Através desse sentimento descontrolado, ele está pronto para atacar seu alvo a qualquer momento, é assim que acontece no cenário político atual.

Laerte promove um jogo de sentido com a representação do animalesco do homem, que em um momento é racional e em outro é irracional, é influenciado a ponto de se tornar cego e em outro é influenciador. A chargista mistura a razão e a emoção, a consciência e a falta de lucidez, o homem e o animal. Essa representação faz o leitor refletir até que ponto se perdeu a linha racional. O ser humano distingue-se dos outros animais por ser uma espécie viva, dotada de inteligência, age com racionalidade, com amor e emoção. Ao contrário de um animal irracional, que age como “bicho” de estimação, precisa ser domesticado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros se constituem através da história e visam analisar o espaço social, político e ideológico de determinada época e lugar. Hoje, as redes digitais, por exemplo a internet, tem se tornado um grande meio comunicativo e informativo para o desenvolvimento e expansão desses gêneros.

A charge, inserida na plataforma digital, tem um papel extremamente importante na reflexão e conscientização sociais presentes no cotidiano, uma vez que esse gênero nos proporciona várias informações em determinado tempo e lugar. Além disso, permite ao leitor não só interpretar aquilo que está exposto, mas também compreender o sentido que há por trás das imagens.

A fim de analisarmos charges que abordassem acontecimentos políticos no período das últimas eleições presidenciais de 2018, veiculadas na rede social *Instagram*, incidimos sobre noções teóricas discursivas e verificamos marcas enunciativas de um discurso crítico sobre um cenário sócio político brasileiro.

Verificamos que o discurso político vinculado no gênero charge possibilita compreender e refletir acerca dos aspectos sociais, históricos e ideológicos do cenário político brasileiro. Apesar da sua temporalidade, as charges analisadas fazem um encadeamento uma com as outras, apresentando a todo o momento um diálogo entre o texto verbal e o texto imagético, de forma crítica irônica e sarcástica. Além disso, os discursos presentes nas três charges abordam um mesmo foco, que é a irracionalidade; a animalidade; a demonstração do ódio; o descontrole; a raiva; os ataques etc.

Diante do objetivo específico de verificar como se constitui verbo-visualmente o discurso crítico da chargista. Constatamos que Laerte apresenta sua indignação e ao mesmo tempo ridiculariza a representação ambivalente do ser social, que em um momento é um animal racional (*homo sapiens*) e em outro momento, se torna animal irracional.

Laerte traz, em suas charges, movimentos que são alvos da política, como também da população, e são considerados marginalizados na sociedade em geral. É interessante destacar que todos os enunciados são relacionados à luta de direitos e respeitos, reivindicações, protestos, preconceitos, discursos raivosos, ataques, entre outros. As charges mostram como o ódio vem se sedimentando dentro do campo

político, busca influenciar pessoas a ponto de se tornarem cegas, ataquem movimentos marginalizados e buscarem acertar ferozmente seu alvo.

A chargista busca explicitar uma intenção no processo de produção da charge e o leitor busca compreender e entender tal intenção. Para alcançar essa intenção, o leitor precisa interpretar e compreender qual mensagem o texto quer repassar, como também identificar cada materialidade linguística e imagética da charge, fazendo um contraponto entre o que vê no texto com o que não vê.

A política foi abordada por Laerte através da falta de consciência e do irracional por parte do homem. Essa irracionalidade gera diversas consequências, como por exemplo, o ódio, a raiva, a cegueira e o descontrole, até chegar a um ponto de virar uma “doença”. Os sujeitos apresentados nas charges buscam o mesmo alvo: o PT. Segundo Fernandes (2008), o que marca a posição discursiva do sujeito, que está enunciando é sua ideologia.

Os discursos que compõem as charges analisadas são constituídos por uma interdiscursividade. A charge, por ser um gênero discursivo formado com base em outros gêneros, provoca o leitor a ativar a informação apropriada em resposta ao texto verbal e não verbal que apresenta. Portanto, para que o sujeito leitor consiga compreender cada materialidade, ele precisa recuperar os acontecimentos que evidenciaram o texto da charge e construir a significação implícita que a charge pretende passar.

A construção dos múltiplos sentidos que podem ser evidenciados nas charges analisadas exige dos leitores o conhecimento da realidade política social do Brasil, especificamente nas condições históricas em que as charges foram produzidas.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261 – 270.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Bakhtin - dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: EDUNICAMP, 1997. p. 87-97.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. Campinas, SP: EDUNICAMP, 1996. p. 56-107.

BRANDÃO, Helena H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 3.ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 47-60.

CAGNIN, Antônio L. **Os quadrinhos**. São Paulo : Ática, 1975.

CRUZ, Adriano C. **A charge no governo Lula: crítica e resistência ao neoliberalismo**. Natal: EDUFRN, 2018.

FERNANDES, Cleudemar A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 2. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.

FIORIN, José L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 67 – 83.

FLORES, Onici. **A Leitura da Charge**. Canoas, RS: ULBRA. 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24. ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In: PEREIRA, Aracy Ernst; FUNCK, Susana Bórneo (Orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas, RS: Educat, 2001. p. 27- 42.

LEANDRO-FERREIRA, Maria C. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Letras**, n. 27, p. 39-46, 2003.

LEMOS, Beatriz M. **Misoginia, Feminismo e Representações Sociais: O Processo de Impeachment de Dilma Rousseff na Imprensa Brasileira (2010-2016)**. 2017. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/18894/1/2017\\_BeatrizMonteiroLemos.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/18894/1/2017_BeatrizMonteiroLemos.pdf)> Acesso em: 18/02/2019.

LIRA, D. M.; GUEDES, K. C.; SANTANA, W. K. F. de. Responsividade e axiologia no gênero charge: uma proposta de compreensão a partir de Bakhtin e o círculo. In: SILVA, F. N.; XAVIER, M. M.; ALMEIDA, M. de Fátima, (Orgs.) **Relações dialógicas e(m) campos da comunicação discursiva: teoria, análise e questões de ensino**. João Pessoa: Ideia, 2017. p. 133 - 150.

LUCENA, Ivone T. de. O processo discursivo da charge/humor: **Conceitos**. Revista da ADUFPB. João Pessoa: UFPB, 2000, p. 43 - 48.

MACIEL, José F. R. **Por que a Justiça é "cega"?**. 2005. Disponível em: <http://www.cartaforense.com.br/conteudo/colunas/por-que-a-justica-e-cega/136> . Acesso em: 22/01/2019. p. 1-3.

MARQUES, Sebastião F. P. **Imagem da Justiça: significado**. 2013. Disponível em: <https://monarquia.net/imagem-da-justica-significado/>. Acesso em: 14/09/2018.

OLIVEIRA, M. Lilia S. de O. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, José. C. (Org.) **Letras & Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 265-275.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni. P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PAGLIOSA, Elcemina L. Bi. **Humor: um estudo sociolinguístico cognitivo da charge**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Discurso: estrutura e acontecimento**. 5. ed. Tradução de Eni Pucinelli Orlandi. São Paulo: Pontes, 2009.

PEREIRA, Tânia M. A. O discurso das charges: um campo fértil de intertextualidade. In: SILVA, A. de P. D da S.; ALMEIDA, M. L. L.; ARANHA, S. D. G. [et al], (Orgs.) **Ensino de Língua: do impresso ao virtual**. Campina Grande, PB: EDUEP, 2006, p. 101-117.

ROMUALDO, Edson C.. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia. Um estudo de charges da Folha de S. Paulo**. Maringá, PR: EDUEM, 2000.

SOUZA, Marcelle. **Legado de Paulo Freire é defendido por uns e odiado por outros.** Revista Galileu. Editora O Globo, Maio de 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/legado-de-paulo-freire-e-defendido-por-uns-e-odiado-por-outros.html>. Acesso em: 22/03/2019.

SOUZA, Maria I. P. de O; MACHADO, Rosemeri P. B. O verbal e não-verbal na produção dos efeitos de sentido no gênero charge. In: CRISTÓVÃO, Vera L. L.; NASCIMENTO, Elvira L. (Orgs). **Gêneros textuais: teoria e prática II.** Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005, p. 59-73.